



## A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NOS DESENHOS DAS CRIANÇAS

Autores: Daniel Medeiros dos Santos; Tânia Cristina Meira Garcia

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

[daniricelli@hotmail.com](mailto:daniricelli@hotmail.com)

[tania\\_cristina2005@yahoo.com.br](mailto:tania_cristina2005@yahoo.com.br)

### RESUMO

Investigar as problemáticas educativas advém de um anseio de mudanças e qualificações na prática pedagógica em sala de aula. Projetamos nosso objetivo em descobrir qual o olhar da criança sobre a escola a partir de sua representação nos desenhos. Utilizamos assim o desenho como instrumento de investigação para realizar a coleta dos dados, sendo este fundamental, uma vez que pudemos interpretá-los e realizar descobertas que possibilitaram uma reflexão sobre a própria escola e a criança em sua relação direta com o ensino-aprendizagem. Com os resultados da pesquisa, percebemos que a maior parte das crianças deseja ir à escola, embora as investigações tenha nos proporcionado refletir sobre a ausência do professor, bem como de outros elementos que significam a aprendizagem, o que nos faz pensar que a escola talvez não esteja conseguindo efetivamente dá maior sentido ao seu papel enquanto instituição do saber. Significativo se faz que os professores estimulem e possibilitem às crianças realizarem desenhos, não como uma atividade pronta, mimeografada, mas como um recurso livre dentro de objetivos a serem concretizados.

**Palavras-chave:** Escola, Criança, Desenho.

### Introdução

A escola é a referência e a esperança do ideal de sociedade exigido pela humanidade, nela é depositada toda a confiança na emancipação do sujeito para tornar-se um cidadão digno capaz de agir em conformidade com sua maneira de pensar, de forma a promover modificações significativas no contexto social.

Dessa forma, consideramos pertinentes as discussões na e sobre a escola a fim de podermos encontrar maior clareza do papel desta na efetiva participação do sujeito na sociedade. Acreditamos assim que os desenhos das crianças por ser um recurso utilizado constantemente em sala de aula pode nos ajudar a trazer reflexões sobre a prática do professor, como também situações as quais as crianças estejam vivenciando, dentro ou fora da escola. Decidimos assim como objetivo, analisar a representação que a criança possui sobre a escola que frequenta através dos seus desenhos.

É preciso compreender a escola como um lugar de efetiva aprendizagem e que possibilita ao sujeito construir conhecimentos para

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

[www.coprecis.com.br](http://www.coprecis.com.br)



atuar em diversos aspectos do seu cotidiano. Uma vez que a escola é o espaço definido para a transformação pessoal e social da criança, esta precisa estar organizada e se desdobrar para atender as suas especificidades.

Dessa forma, consideramos ninguém melhor que a própria criança para nos dar indícios sobre como esta percebe a escola, bem como apresentar os resultados acerca de um espaço escolar que venha a atender ao pleno desenvolvimento das capacidades: cognitiva, motora, física, emocional e social.

### **Sobre o desenho**

Os desenhos infantis começaram a despertar curiosidade e interesse a partir do final do século XIX, nesse contexto as crianças desenhavam no chão ou em paredes utilizando gravetos e carvão. O artista italiano Conrado Rizzi demonstrou bastante interesse em desenhos de crianças nas paredes, e passou a estudá-los e fazer suas reflexões acerca dos mesmos, publicando em 1887 o livro “A arte das crianças pequenas”, onde registrou seus estudos sobre o tema.

Barros (1988) afirma que o desenho é reconhecido atualmente como meio para conhecer a vida mental da criança, sendo um método de investigação psicológica, considerado uma técnica projetiva pela qual a pessoa revela aspectos de sua vida mental. Sendo assim, são usados com a finalidade de investigar o que está na mente da criança e até de adultos. Ao desenhar, a criança representa o significado daquilo que está em sua mente, uma vez que o objeto não está em sua presença. Dessa forma e corroborando com essa perspectiva de pensamento, Vygotsky (1991) traz suas contribuições afirmando que:

[...] o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos. (VYGOTSKY, 1991, p. 127).

Segundo Barros (1988), a partir dos desenhos feitos por uma criança, podemos perceber seus interesses, preferências, conflitos emocionais e até mesmo avaliar seu nível de inteligência.

Para termos conhecimento desses aspectos da vida mental da criança, precisamos levar em conta seus temas preferidos, observarmos o uso das cores, os traços e figuras, suas



expressões faciais, bem como seus monólogos ao realizar o desenho.

É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. Enquanto desenhavam ou criam objetos também brincam de “faz-de-conta” e verbalizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual estão inseridas. (BRASIL, 1998, p. 93).

É necessário que o professor dê um pouco mais de relevância aos desenhos infantis numa tentativa de interpretar os traços, as formas e principalmente as cores, uma vez que estes têm muito a revelar. Bédard (2013)<sup>1</sup> diz que o desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente, pois sem perceber, a criança transporta seu estado anímico ao papel. A autora afirma que:

A simbologia de cada uma das cores admite duas interpretações, uma positiva e uma negativa. O estilo do desenho e o conjunto das cores determinam que nos inclinemos sobre uma ou outra dessas interpretações. Ao falar da influência das diferentes cores, não nos referimos em absoluto ao efeito estético ou decorativo (...) o que nos interessa é a mensagem, plasmada consciente ou inconscientemente. Tanto se as cores empregadas forem apropriadas( o marrom para o tronco de uma árvore e o verde das folhas), como se forem contra toda a lógica( a água de cor rosa e o sol verde), é necessário manter-se vigilante. (*op. Cit.* 2013, p. 31).

De posse de um conhecimento mais embasado sobre o sentido e o significado das cores nos desenhos infantis, temos condições de usá-los como suporte investigativo sobre a realidade vivenciada pelo educando, conseguindo desvelar o que vai em seu mundo mental.

É necessário que o professor possa se apropriar deste recurso em suas aulas, não como mera atividade artística, mas como um instrumento capaz de permitir à criança manifestar seus anseios, desejos e frustrações.

É justamente através do desenho que a criança usa a imaginação e representa o seu mundo mental, dando sentido e significado ao que guarda das vivências cotidianas, seja no espaço escolar seja no ambiente familiar. Assim sendo, compreende-se a relevância do desenho e sua capacidade expressiva de revelar.

---

<sup>1</sup> Nicole Bédard é uma pedagoga canadense. É conselheira em análise de desenhos e de contos para crianças (psico-contos). A autora é formada em Andragogia e é professora e conferencista há cerca de dez anos no domínio da Caracterologia, que compreende o estudo da morfologia, da linguagem corporal assim como a análise da escrita.



O desenho configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são as personagens que flagram esta zona de incerteza: o território entre o visível e o invisível" (DERDYK, 1989, p. 115).

O professor em desenvolvimento de seu ofício pode e deve possibilitar à criança o acesso a arte de desenhar. Não limitando tempo, espaço e material, mas deixando-a o mais à vontade possível e oferecendo uma diversidade de recursos que facilitem a expressão de seu pensamento, sentimentos e imaginação.

Este cuidado é essencial para favorecer um desempenho de qualidade na hora de fazer as atividades que envolvam o desenho. Dessa forma o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) diz que:

Quando se tratar de atividades de desenho ou pintura, é aconselhável que o professor esteja atento para oferecer suportes variados e de diferentes tamanhos para serem utilizados individualmente ou em pequenos grupos, como panos, papéis ou madeiras, que permitam a liberdade do gesto solto, do movimento amplo e que favoreçam um trabalho de exploração da dimensão espacial, tão necessária às crianças desta faixa etária. (BRASIL, 1998, p. 98).

Dessa forma compreendemos o quão importante é a atenção que o professor necessita possuir ao propor um desenho à criança, e principalmente estar atento às condições do meio para efetivação da proposta. Em complemento ao que está na citação acima, o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil coloca que:

Para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais, como lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc., e utilizando suportes de diferentes tamanhos e texturas, como papéis, cartolinas, lixas, chão, areia, terra etc. Há várias intervenções possíveis de serem realizadas e que contribuem para o desenvolvimento do desenho da criança. (*op. Cit.* 1998, p. 100).

O professor deve se desdobrar para dar maior atenção aos desenhos das crianças, uma vez que esses manifestam uma representação do seu pensamento. Questionar os desenhos é imprescindível para o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem. O desenho representa o que a criança na maioria das vezes não consegue ainda expressar através de códigos linguísticos.



## **Metodologia**

Traçados os objetivos é preciso decidir por onde caminhar. A pesquisa apresenta exigências e fases para se chegar a um possível resultado. Nesse sentido, seus desdobramentos foram realizados no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), utilizando-se o desenho como instrumento de investigação individual com crianças na faixa etária de 7 a 8 anos.

Tecemos um diálogo informal com as crianças, onde as mesmas afirmaram gostar de desenhar, o que contribuiu significativamente para o envolvimento e a interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Para cada criança individualmente, foi disponibilizada sobre a mesa uma variedade de materiais - canetas hidrocor, lápis de cor, giz de cera, régua, borracha, lápis, canetas esferográficas - e explicado que poderiam utilizar o que quisessem. Então, solicitou-se às crianças que fizessem um desenho representativo do que a escola significava para elas, e ao término da elaboração, a criança explicava sua produção.

A etapa final do processo investigativo refere-se a análise das representações das crianças, encontrando dessa forma as possíveis respostas para os objetivos propostos ao longo da pesquisa.

## **Resultados e discussão**

Para uma melhor compreensão e análise da pesquisa, mostramos a seguir o desenho de cada um dos sujeitos. Utilizamos letras do alfabeto para identificar cada um deles, preservando assim sua identidade.

A criança **A** representou duas pessoas nas carteiras, e um birô com uma cadeira. Utilizando-se das cores verde e azul, e embora houvesse a sua disposição uma variedade de lápis e pincéis, a mesma utilizou-se de lápis de cor do material madeira. Ao perguntarmos o que desenhou, sua resposta foi a seguinte:



**FIGURA 1:** Desenho da criança A. (sexo F; idade 7).



**FONTE:** Arquivo pessoal.

Descrição:

*desenhei eu e minha prima que a gente conversa na aula e também desenhei minha professora que está no birô, porque eu gosto muito de estudar.*

Com relação ao uso das cores, a criança **A** tem uma preferência pela cor azul que simboliza a paz, a harmonia. Diante dos nossos estudos sobre o que Bédard (2013) escreve sobre as cores, isso mostra que esta criança tem aspecto mais reservado e que tem o objetivo de caminhar diante do seu próprio ritmo, ou seja, não devemos obrigá-la a fazer suas tarefas e acima de tudo respeitar seus hábitos. Interessante observar que em sua fala a criança diz que desenhou a sua professora que está no birô, no entanto, não há tal representação no seu desenho. A criança ressalta o gosto pelo estudo, no entanto não faz nenhuma representação acerca do material de estudo.

A criança **C** faz uma representação da escola desenhando um prato bem colorido e uma colher, utilizando-se de lápis de madeira nas cores: amarelo, azul, verde e vermelho.

**FIGURA 2:** Desenho da criança C. (sexo M; idade 8).



**FONTE:** Arquivo pessoal.



Descrição:

*eu desenhei creme de galinha porque é uma coisa boa que a escola faz.*

Na figura 2 a criança usa com maior intensidade o amarelo, embora faça uso de outras cores, utilizando apenas coleção de madeira para isso. Isso mostra que esta é uma criança expressiva, tendo uma natureza boa, e deseja com maior intensidade alcançar seus objetivos. Atentando para o aspecto espacial, o desenho está no centro do papel, revelando com isso segundo Bédard (2013) que a criança C está aberta a tudo que ocorra ao seu redor. Percebemos através do desenho que a representação que a criança tem da escola é em relação à alimentação, ou seja, a escola é um lugar aonde ela vai com a finalidade de comer. Não encontramos os materiais significativos que compõem a escola e a construção do conhecimento.

A criança I representou a escola, uma pessoa e uma bolsa. Utilizou as cores verde e azul, e lápis de madeira para fazer sua representação. Escreveu na sua representação duas frases: *a escola é boa pra todos estudante/ A escola é minha vida*. Quando perguntamos o que havia desenhado sua resposta foi:

**FIGURA 5:** Desenho da criança I. (sexo M; idade 8).



**FONTE:** Arquivo pessoal.

Descrição:

*isso é eu indo pra escola.*

A cor verde predomina na figura 5, mostrando com isso que a criança tem certa maturidade e compreende os fatos a sua volta. O fato da escola está localizada à esquerda do papel diz que seus pensamentos giram ao redor de fatos passados, a criança não vive o momento presente nem pensa no futuro, segundo





Bédard (2013). Interpreta-se que esta criança tem a escola como uma forte referência em sua vida, isso fica evidenciado na frase *a escola é minha vida*. A criança se coloca no desenho e põe uma bolsa como elemento do desejo de ir à escola. Percebemos que o mesmo tem internalizado que é um estudante e que a escola é um lugar para estudar.

A criança **M** representou uma escola utilizando-se das cores marrom, verde, amarelo, laranja, rosa e azul. Utilizando apenas lápis de madeira na sua representação.

**FIGURA 7:** Desenho da criança M. (sexo F; idade 7).



**FONTE:** Arquivo pessoal.

Descrição:

*eu gosto muito de estudar.*

A figura 7 representada com várias tonalidades marcantes mostra o quanto esta criança é harmônica em suas relações e receptiva as situações que a circundam. Segundo Bédard (2013), a quantidade de janelas pequenas indica que a criança pede que sejamos discretos e prudentes com ela. É bom não lhe fazer demasiadas perguntas e, sobretudo, não lhe dar a impressão de que estamos vigiando até seus mínimos gestos. Embora a criança enfatize o seu gosto pelo estudo na execução da frase, a mesma não nos apresenta outros elementos que indiquem este desejo de estudar, de ir à escola e aprender. Aparece novamente a representação apenas da escola.

As interpretações realizadas diante das representações feitas sobre a escola possibilitam-nos mostrar que a maior parte das crianças representou a escola detendo-se a sua estrutura física, não apresentando assim os elementos que compõem o cenário da sala de aula e que atribuem sentido as relações de ensino-aprendizagem.





De um modo geral percebemos que as crianças enfatizam a escola em suas representações, bem como seu gosto pelo estudo, o que nos deixa parcialmente satisfeitos do ponto de vista da vontade que as crianças ainda apresentam em ir à escola. O que nos faz refletir com base nas interpretações é a ausência de outros elementos que constituem o espaço escolar e que viabilizam construção do conhecimento e da formação do educando.

Os profissionais precisam aproveitar melhor este desejo que as crianças apresentam em ir à escola e motivá-las em suas relações de aprendizagem, em atividades mais dinâmicas e principalmente proporcionar momentos que se tornem mais significativos em suas vidas.

Carregamos a certeza de que muito ainda pode ser investigado com o intuito de trazer novas descobertas para valorizar a educação e principalmente a instituição escolar, motivando os profissionais e os sujeitos do processo educativo.

Partindo do pressuposto de que o professor atua como mediador, e mantém uma relação mais ou menos duradoura com seus alunos, ajudando-os no processo de construção do conhecimento, indagamo-nos: Onde está o professor que não aparece nos desenhos, diante da importância de seu papel? Na figura 1 percebemos na fala da criança que a mesma desenhou a professora que se encontra no birô, mas ao olharmos seu desenho percebemos que não consta tal representação. Como explicar a ausência do professor nos desenhos destas crianças? Questões como estas nos possibilita um leque de discussões pertinentes sobre a escola e o papel do professor quanto mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Não é uma questão de culpar, mas sim de refletir acerca do perfil profissional, e principalmente da prática pedagógica na relação de ensino-aprendizagem estabelecida entre professor e aluno. De modo que se às crianças não fazem representações condizentes com a satisfação de suas capacidades de aprendizagem, talvez seja porque as mesmas possivelmente não estejam sendo atendidas de forma mais elaborada e significativa.

Quantos desenhos durante o ano letivo vão parar na lata de lixo sem um olhar investigativo? Sem uma tentativa de entender o que foi representado no papel? Grande parte dos professores não se ocupa deste trabalho, e com isso perdem a oportunidade de conhecer melhor o seu aluno e de ajudá-lo em seus aspectos de desenvolvimento e aprendizagem.

## **Conclusão**



A análise do desenho em si, por sua vez é limitada, pois compreendemos que cada um de nós ao analisar um desenho pode tirar conclusões que podem ou não coincidir com as de seu autor, por isso é importante o embasamento teórico para tal finalidade. Entretanto, compreendemos que o desenho em si traz preciosas informações e abre reflexões interessantes sobre o papel da escola e principalmente sobre os desafios de ensino-aprendizagem, uma vez que estão impregnados por significações compartilhadas com outros. Porém, os sentidos que o autor em particular atribui ao desenho produzido, somente ele poderá explicar.

As crianças representam a escola como um lugar que elas gostam de estar, embora a maior parte não represente outros elementos que constituem o cenário do contexto escolar, detendo-se a representar apenas a escola. Interpretamos isso como uma satisfação incompleta do seu desejo de aprender e, principalmente do significado e do sentido que a aprendizagem ou o professor estar tendo em sua vida.

As descobertas realizadas com este trabalho foram fundamentais para a compreensão da prática do professor em sala de aula, principalmente com a finalidade de valorizar e possibilitar à criança a envolver-se com o fazer artístico revelando através de seus desenhos o significado do mundo que as circunda.

## **Referências**

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 1ª ed. São Paulo: Editora Isis, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília-1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, p.305.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, E. 1989. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, p.239.

VYGOTSKI, L.S. 1991. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p.168.